

O drama do transplante continua

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Mais de 800 doentes renais do Distrito Federal esperam na fila por um transplante. O governo prometeu criar um novo centro de cirurgia para os pacientes até o final de junho, mas a unidade de transplante ainda não saiu do papel. O Hospital Regional da Asa Norte (Hran) precisa de reformas e equipamentos para começar a fazer as cirurgias, que hoje só são realizadas no Hospital de Base. Vistoria da Vigilância Sanitária apontou problemas no centro cirúrgico, na lavanderia e na cen-

tral de material esterilizado do Hran. A Secretaria de Saúde promete agilizar as adaptações necessárias para que o hospital comece a fazer transplantes, mas os doentes renais reclamam da lentidão no processo de credenciamento de novas instituições.

Os fiscais responsáveis pela inspeção fizeram exigências para que a Vigilância Sanitária libere a autorização para as cirurgias. O hospital deve passar por pequenas reformas. No centro cirúrgico, é necessário recuperar as portas e armários de diversas salas, providenciar tampa para luminárias, trocar lâmpadas queimadas e os filtros do ar-condi-

cionado. O Hran também terá que consertar os focos cirúrgicos, fazer manutenções preventivas e substituir partes metálicas oxidadas de equipamentos.

A equipe da Vigilância Sanitária não encontrou nenhum problema grave na infra-estrutura. "São necessários poucos reparos, mas a unidade terá que preencher todos os requisitos para obter o credenciamento", explica a diretora de Fiscalização da Vigilância Sanitária, Maria das Graças Ferreira. "Ainda não recebemos uma solicitação para fazer a inspeção final, mas acreditamos que a Secretaria de Saúde deve enviá-la até semana que vem", completa.

O chefe da Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos da Secretaria de Saúde, Lício Lucas Pereira, explica que as exigências já estão sendo cumpridas. "É nossa prioridade fazer esses pequenos ajustes e obter a liberação. Vamos resolver esses problemas com rapidez", garante. Além das obras, o hospital ainda precisa de um equipamento de osmose, aparelho que realiza a filtragem da água usada no tratamento de hemodiálise. A compra já foi autorizada no *Diário Oficial do Distrito Federal*.

Para quem precisa de transplante, a espera por melhorias no sistema de saúde é angustiante.

Luiz Carlos Ferreira da Silva, de 35 anos, já aguarda há mais de oito anos por um novo rim. Ele mora na Casa do Renal, uma entidade filantrópica em Ceilândia que abriga pacientes carentes em tratamento no Distrito Federal. Luiz veio do Maranhão para se tratar na cidade há 12 anos. "Não aguento mais fazer hemodiálise. Não tenho tempo nem força física para trabalhar. Ainda tenho esperança de fazer o transplante e ganhar uma vida nova", conta Luiz Carlos. "O governo deveria abrir mais unidades de cirurgia em outros hospitais. Muita gente está morrendo na fila", garante.

Em abril deste ano, o Correio

Braziliense publicou série de reportagens sobre o programa de transplantes do Distrito Federal. A central que já foi referência para todo o país, hoje agoniza. O número de transplantes renais realizados no ano passado foi 65% inferior ao registrado em 2000. Apesar de 29 pacientes receberem um novo rim em 2005. Nesse mesmo período, os gastos com hemodiálise cresceram 50%. Está em andamento, no Departamento Nacional de Auditoria do Sistema Único de Saúde (Densus), uma auditoria para verificar os gastos com hemodiálise no Distrito Federal para analisar se houve irregularidades.

Breno Fortes/CB



LUIZ CARLOS, DA CASA DO RENAL, ESPERA POR UM RIM HÁ MAIS DE OITO ANOS

Regras para córneas

Portaria assinada esta semana pelo secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, deve aumentar o número de doações de córneas no DF. A partir de agora, o formulário para a declaração de óbito terá um campo para que a família autorize ou não a captação das córneas.

Assim, os parentes de todos os mortos do DF serão consultados. Sem a notificação em um prazo inferior a seis horas, o transplante não é possível. O hospital ou profissional de saúde que observar que há interesse dos familiares deve comunicar imediatamente o

Banco de Olhos do DF. "Mais famílias vão doar as córneas a partir de agora", garante o chefe da Central de Notificação e Captação de Órgãos, Lício Lucas Pereira. Em 2005, foram realizados 299 transplantes de córnea.

A cirurgia é muito mais simples do que os transplantes renais. O implante do tecido não requer que o doador tenha morte cerebral. Só pacientes com AIDS, câncer ou hepatite B são recusados como doadores. O índice de rejeição é bem menor do que em outros tipos de cirurgia. (HM)

ENTENDA O CASO

Crise vem desde 2001

A crise que atinge o programa de transplantes renais de Brasília dura seis anos. Entre 1992 e 1998, o DF era a Unidade da Federação que mais fazia cirurgias proporcionalmente à população. A média nacional era de 10 transplantes para cada milhão de habitantes. A média local chegou a 30 cirurgias para cada grupo de um milhão. Em 2000, um recorde: 85 pessoas receberam um novo rim. Mas desde então o setor foi abandonado. O número de transplantes renais realizados em 2005 foi 65% inferior ao registrado em 2000: apenas 29 pacientes receberam um novo rim.

Atualmente, só o Hospital de Base realiza transplantes. A capital é a única no país a ter apenas uma unidade capacitada a fazer as cirurgias. O transplante é o melhor tratamento para doentes renais porque, na maioria das vezes, acaba com a necessidade de sessões de hemodiálise. Hoje, 800 pacientes esperam pela cirurgia.

O Hospital de Base só realiza transplantes de rins e córneas. A instituição já fez operações de fígado por dois anos, mas o procedimento foi suspenso em 2002 por problemas estruturais do hospital. De lá para cá, os transplantes hepáticos nunca mais foram retomados. Em 2001, a unidade de saúde fez também um único transplante de pulmão, mas o paciente não sobreviveu.